

Nós, ciborgues: a magia da ficção científica

André Lázaro*

OLIVEIRA, Fátima Cristina Regis Martins de. *Nós, ciborgues: a ficção científica como narrativa da subjetividade homem-máquina*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação da ECO-UFRJ, 2002, 227p. Tese de Doutorado.

As fronteiras entre a técnica e a magia são móveis.¹ Desconhecer este fato pode nos assombrar. Os limites entre o humano e o não-humano também transigem, mas esconder o espanto pode embotar nossa imaginação. Já não ouvimos falar disso antes? Sim, na ficção científica. “A ficção científica teve suas condições de aparecimento no início do século XIX, a partir da expansão técnica e das mudanças promovidas pela Revolução Industrial. Apenas no século XX surgiu o nome ficção científica. (...) Classificada como produto da cultura de massa, a ficção científica não mereceu a atenção de estudos acadêmicos respeitáveis.”²

O que interessa na ficção científica: sua hipotética antecipação, sua popularidade, seu pessimismo? A tese de Fátima Regis Oliveira mostra que a ficção científica interessa muito além disso. Duas hipóteses convincentes orientaram sua pesquisa: “a primeira aposta que a ficção científica é uma narrativa que problematiza as fronteiras entre subjetividade, tecnociência e espaço-tempo como estratégia de interrogar o humano. A segunda hipótese crê que ao pôr em questão fronteiras ontológicas e epistemológicas, as novas tecnologias fazem surgir o ciborgue como novo devir humano e elegem a ficção científica como ficção da Atualidade” (*Id.* p.7).

A tese *Nós, ciborgues* torna compreensível porque a modernidade recusou a ficção científica e de certo modo silenciou a inquietação nela contida através da hierarquização que a manteve no campo movediço da cultura de massa. “Como a epistemologia moderna separou as ciências teórico-experimentais das humanas e sociais, e criou fronteiras ontológicas entre natureza, cultura e artifício, as imbricações entre

* Doutor em Comunicação pela UFRJ, professor da Faculdade de Comunicação Social UERJ.

homens, animais e máquinas foram desconsideradas” (*Id.* p. 208). Assim, criou-se um tabu moderno, a ordem de um sujeito cujos limites não-humanos estão estabelecidos e, em grande parte, subjugados. O sujeito da modernidade subordina o que está a sua volta. Por outro lado, no entanto, “ao pensar o presente como mudança e projetar a realização da verdade do sujeito e da sociedade no futuro, a Modernidade criou as condições do surgimento da ficção científica” (*Ibid.*). Ao especular sobre este futuro, o presente da ficção científica gira em torno de possíveis, onde os limites do humano e não-humano se apagam, sem, no entanto, garantir que a superioridade daquele sujeito da modernidade se sustente. Frágil, subsumido às máquinas que criou, subordinado ao híbrido nascido em seus laboratórios, ridículo às lentes do computador que o escaneia, em muitos momentos surge na ficção científica um humano que vive o lado negro do sonho iluminista.

Este humano somos nós, ciborgues. “Somos ciborgues porque nossa subjetividade está inextricavelmente associada à tecnologia que criamos” (*Id.* p. 1). A Atualidade emerge na ficção científica e se vê por ela interrogada. “Hoje parece ser consenso nos meios científicos e filosóficos de que os níveis mais elementares dos seres vivos são formados pelos mesmo compostos químicos da matéria inerte. (...) A possibilidade de hibridismo entre orgânico e metálico, interior e exterior, físico e não-físico produz seres híbridos e mundos possíveis que só existiam nas histórias de ficção científica” (*Id.* p. 208). Neste mundo de identidades fluidas e cambiáveis, interrogam-se os limites e as capacidades humanas, questiona-se o projeto da modernidade e suas promessas de futuro. O mundo da ficção científica não nos é mais estranho. As fronteiras entre técnica e magia moveram-se drasticamente.

Recorrer à discussão sobre a magia pode ser um modo de nos aproximarmos do significado que a ficção científica ganha na Atualidade. Para a modernidade, o deslocamento de fronteiras ocorreria pela progressiva conquista do enevoado mundo da magia, pelo rigor e pela nitidez dos procedimentos técnicos. A magia, como ilusão da infância da mente, seria um vagar cego no mundo articulado que a ciência desarticula e rearticula em procedimentos passíveis de reprodução. A ciência afasta a magia e estabelece um domínio univocamente humano sobre o mundo inerte.

No ensaio “O feiticeiro e sua magia”³, Levi-Strauss examina as práticas xamânicas e traça um paralelo entre a ação do xamã e a atividade psicanalítica. Ao narrar um episódio em que o acusado de magia – crime passível da pena de morte –, após negar terminantemente seus conhecimentos, acaba por admiti-los com riqueza surpreendente de detalhes, Levi-Strauss observa: “A confissão, reforçada pela participação, a cumplicidade mesma, dos juizes, transforma o acusado, de culpado, em colaborador da acusação. Graças a ele, a feitiçaria, e as idéias que a ela se ligam, escapa a seu modo penoso de existência na consciência, como conjunto difuso de sentimentos e de representações mal formuladas, para se encarnar em ser de experiência. O acusado, preservado como testemunha, traz ao grupo uma satisfação de verdade, infinitamente mais densa e mais rica do que a satisfação de justiça que teria proporcionado sua execução” (*Id.* p. 201). E continua: “Esta fabulação de uma realidade em si mesma desconhecida, feita de procedimentos e de representações, é afiançada numa tripla experiência: a do próprio xamã que, se sua vocação é real (...), experimenta estados específicos de natureza psicossomática; a do doente, que experimenta ou não uma melhora; enfim a do público que também participa da cura, e cujo arrebatamento sofrido e a satisfação intelectual e afetiva que retira, determinam uma adesão coletiva que inaugura, ela própria, um novo ciclo” (*Id.* p. 207).

A magia, portanto, constitui-se num sistema de crenças que sustenta operações concretas e individualizadas. A cura é a validação do próprio sistema. A ficção científica pode ser vista, por um instante, como a magia da técnica, o momento em que as forças criativas e construtivas liberadas pelo vigor da civilização técnica se emancipam e realizam suas potencialidades a despeito da frágil vontade e do volúvel poder de seu criador. A ficção científica conta com uma característica singular que contribui para que seja percebida como uma fabulação coletiva: “as palavras e conceitos inventados por seus escritores passam a pertencer ao repertório do gênero e se tornam de uso comum a todos”⁴. Assim, por exemplo, as heterotopias – os espaços outros da ficção científica – podem ser compreendidos pelos conceitos de *zone* e *paraspaces*. “A *zone* é um lugar de deslocamentos ontológicos” (*Id.* p. 189). Neste lugar-outro, exercitam-se as possibilidades de outro devir humano, outra cena social e uma nova articulação entre o vivo e o inerte.

Segundo Levi-Strauss, na magia o acontecimento da cura dá-se pela adesão de todos ao mesmo sistema de crença, que prescreve a cada um o papel específico. O transe induz o xamã a experimentar a repetição do “chamado”, isto é, “a crise inicial que lhe forneceu a revelação de seu estado”. Ao aproximar a ação xamanística do procedimento psicanáutico, Levi-Strauss encontra um ponto de identidade:

“A psicanálise denomina abreação ao momento decisivo da cura, quando o doente revive intensamente a situação inicial que está na origem de sua perturbação, antes de superá-la definitivamente. Neste sentido, o xamã é um abreator profissional” (1973, p. 209).

A magia, como processo de reordenamento das fronteiras, é também um modo antigo de interrogar sobre os limites do humano e não-humano, mantendo viva e ativa a ponte que os relaciona. A técnica da modernidade havia suposto suprimir a magia para operar o mundo sob a ótica da eficácia. A ficção científica nos lembra que esta finalidade pode se sobrepor a nós mesmos e reabre assim a discussão daqueles limites.

Pelo exercício do espanto, a ficção científica parece pretender a ab-reação do homem moderno, de seu medo de diluir-se no mundo que subjuga. Fazer com que reviva intensamente o susto de sua fragilidade, a fraqueza de sua potência e a escuridão de seus sonhos, agora num mundo onde, definitivamente, os limites são outros, pode ser a cura de que necessita.

A tese *Nós, ciborgues: a ficção científica como narrativa da subjetividade homem-máquina* recoloca estas narrativas como tema relevante para que os estudos de Comunicação alcancem uma amplitude de olhar e uma vontade de compreensão tão determinadas quanto são os desafios que a Atualidade nos faz.

Notas

¹ “Mas, ao mesmo tempo, a fotografia inaugura nesse material os aspectos fisiognômicos, mundos imagéticos, que se escondem no pequeno detalhe, suficientemente significativos e ocultos para encontrarem abrigo nos estados de devaneio, mas tendo agora se tornado grandes e formuláveis, capazes de fazerem com que a diferença entre técnica e magia seja visível como uma variável de natureza histórica”. BENJAMIN, Walter. *Pequena história da fotografia*. São Paulo: Ática, 1985, p.222.

² OLIVEIRA, Fátima. Nós, os ciborgues: a ficção científica como narrativa da subjetividade homem-máquina, ECO/UFRJ, 2002, cópia, p.6.

³ LEVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973, p.193-213.

⁴ OLIVEIRA, Fátima, op. cit., p.185.